

Artigo / Article

# A correspondência entre Gonçalves Dias e Teófilo Leal: uma obra à parte

*The correspondence between Gonçalves Dias and Teófilo Leal: a work apart*

**Renata Ribeiro Lima** 

Instituto Federal do Maranhão, Brasil

renata.lima@ifma.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-5619-0355>

Recebido em: 29/05/2024 | Aprovado em: 08/11/2024

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo examinar uma amostra do epistolário gonçalvino, no seu diálogo com o melhor amigo, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal (1822-1879), durante o período em que Gonçalves Dias era recém-chegado à Corte. Analisa-se nessas cartas o modo como o autor ultrapassa os lugares-comuns do gênero, por meio de um grande cuidado com a linguagem e da inserção de elementos próprios de outros textos, como o lírico, o dramático e o romanesco. Ademais, verifica-se que as expansões do poeta maranhense com esse correspondente eleito indicam o desenvolvimento de uma espécie de personagem, de um perfil de poeta romântico que o autor desejava transmitir ao leitor – não só ao amigo íntimo, mas também à posteridade que o aguardava como “Primeiro Poeta do Brasil”.

**Palavras-chave:** Gonçalves Dias • Epistolografia • Romantismo Brasileiro

## Abstract

This article aims to examine a sample of Gonçalves Dias's epistolary, in his dialogue with his best friend, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal (1822-1879), during the period in which Gonçalves Dias was newly arrived at the Court. The analysis is focused on how the author goes beyond the commonplaces of the genre, through great care with language and the insertion of elements typical of other texts, such as lyrical, dramatic and novelistic. Furthermore, it appears that the expansions of the poet from Maranhão with this chosen correspondent indicate the development of a kind of character, a profile of a romantic poet that

the author wished to transmit to the reader – not only to his close friend, but also to the posterity that awaited him as the “First Poet of Brazil”.

**Keywords:** Gonçalves Dias • Epistolography • Brazilian Romanticism

## Introdução

“A correspondência, quadro de uma vida nunca acabado, sempre é em algum lugar uma obra-prima desconhecida.”  
Brigitte Diaz, *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*

"A correspondence is a poetry enlarged"  
Robert Duncan

As cartas de escritores têm sido motivo de renovado interesse dos críticos literários contemporâneos, como se percebe pelo crescente número de edições dessas correspondências, bem como pelas traduções de referências importantes nos estudos epistolares e pelas pesquisas desenvolvidas nas universidades<sup>1</sup>. Outrora tidas apenas como fontes de informações para os estudos de literatura, centrados nos textos publicados, as cartas ressurgem com um olhar mais amplo sobre suas possibilidades de leitura, sendo elas, também, protagonistas da análise literária.

Nesse contexto, a correspondência do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) se insere como celeiro de estudos dessa natureza. Os seus críticos e/ou biógrafos sempre levaram em consideração o seu epistolário – mesmo porque seu volume não passa despercebido, sendo um dos maiores da literatura brasileira – e o tomaram por base para conhecer seu percurso de vida e de criação literária. Desde Antônio Henriques Leal (1874), passando pela emblemática Lúcia Miguel Pereira (1942), por Josué Montello (1942), Manuel Bandeira (1952) e, mais recentemente, Andréa Camila de Farias Fernandes (2021), suas cartas vêm sendo usadas como fontes documentais, das quais se retiram informações para delinear sua biografia e compreender sua trajetória de escritor. Não obstante, têm sido lançadas novas luzes sobre esse conjunto de textos, devido ao desenvolvimento da crítica genética, da crítica epistolar e dos estudos de gêneros textuais, que nos permitem problematizar o caráter supostamente improvisado, sincero e espontâneo de sua epistolografia. Estudos como os de Geneviève Haroche-Bouzinac e Brigitte Diaz, traduzidos em 2016 pela Edusp, mas que foram publicados nos anos 1990 e 2000, respectivamente, além das teses de Angelides (1987), Santos (1998), Moraes (2002), Maciel (2009) e Rocha (2012), abriram caminhos fundamentais para uma renovada interpretação do epistolar em relação com a literatura.

---

<sup>1</sup> No Brasil, isso se deve especialmente ao pioneirismo e aos esforços do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, em cujo Arquivo se encontram correspondências de escritores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Mário de Andrade, sobre as quais se debruçam pesquisadores renomados, como os Professores Doutores Walnice Galvão, Nádia Gotlib e Marcos Antonio de Moraes.

A partir dessas veredas teóricas, foi possível apreciar melhor a riqueza da linguagem e da composição empregada nas cartas de Gonçalves Dias (especialmente ao melhor amigo Teófilo Leal), a ponto de nos instigar a pensar nelas como uma parte de sua obra literária na tese *A ficção epistolar de Gonçalves Dias* (Lima, 2022). Conforme acompanhamos o olhar que dirige a si em sua correspondência, que é escrita quase como uma autobiografia, vem à tona um vasto leque de técnicas narrativas, figuras de linguagem e recursos dramáticos empregados pelo autor maranhense, levando o gênero carta aos limites mais criativos, e deixando clara a sua intencionalidade artística e memorialística em muitos momentos.

Assim, já não nos é possível seguir apenas a linha de leitura biografista, exemplificada na seguinte afirmação do crítico Wilson Lousada, em nota preliminar à Correspondência Passiva do poeta: “[...] Gonçalves Dias, [...], cuja correspondência íntima não se deixou marcar por nenhuma veleidade de manifestação premeditada para a posteridade, projetando-se assim como documento antes de tudo definido pela sinceridade das confissões ou revelações.” (Lousada *in* FBN, 1972, p. 7) ou nas palavras de Josué Montello: “[...] muitos pontos da biografia gonçalvina só podem ser conhecidos, hoje, graças a essas *confissões muito francas* que o poeta *copiosamente derramava* nas cartas ao seu conterrâneo na Província.” (Montello, 1942, p. 56, grifos nossos). Embora não desconsideremos o seu valor de fonte documental, não fechamos os olhos à intercomunicação entre a escrita poética/narrativa e a epistolar e ressignificamos a sua escrita de si, percebendo nela também uma construção.

Sobre esse ponto, o próprio Gonçalves Dias manifesta-se nas seguintes palavras, dirigidas a Teófilo em 26 de julho de 1848: “Creio em Deus que as minhas cartas, mas só as que te escrevo terão de passar a posteridade como o monumento mais caprichoso do seu gênero [...]” (Dias *in* FBN, 1971, p. 108), contrariando o comentário crítico supracitado. Em 1846, escreve, ainda, ao mesmo amigo:

Se algum dia me acontecer perder a memória, poderei afoitamente ir ter contigo, e dizer-te; “Meu amigo, conta-me a minha vida em tal tempo.” Tu sacarás então de um enorme calhamaço e principiarás com ela, levando-a sem lacunas de cabo a rabo. [...] Escrevo — talvez —, porque se queres que te diga a verdade, nunca me assentei defronte da minha consciência para a analisar com toda a pachorra e profundidade de um Romancista. (Dias *in* FBN, 1971, p. 57).

Percebemos, aqui, um esforço deliberado de Gonçalves Dias no sentido de deixar registrado um retrato de si, possivelmente acessível no futuro, devido à guarda do amigo. Ademais, nota-se que as cartas a Teófilo Leal eram escritas com capricho e atenção ao gênero, sendo comparadas ao termo “monumento”, objeto de perpetuação da memória. Observamos, portanto, no exame das cartas de juventude de Gonçalves Dias, precisamente o que Brigitte Diaz descreve: “Retomando a posteriori esse caminho, pode-se seguir, ao examinar essas jovens correspondências, a lenta germinação de um desejo de escrita intimamente ligado ao de encarnar a personagem mítica do escritor.” (Diaz, 2016, p. 104).

Dessa forma, no presente artigo, pretende-se analisar uma pequena amostra dessas “jovens correspondências” entre Antônio Gonçalves Dias e Alexandre Teófilo de Carvalho Leal – composta por cartas dos primeiros seis meses do poeta no Rio de Janeiro, de agosto a dezembro de 1846 – a fim de ressaltar as nuances literárias desse discurso, tanto no que diz respeito à escrita de si quanto no que toca à experimentação artística. Assim, após esta breve introdução, seguem-se: a apresentação do interlocutor de Gonçalves Dias (Teófilo Leal) e de sua importância no processo de criação literária e de afirmação identitária do poeta; a análise do recorte de missivas supracitado e a conclusão.

## 1 O diálogo epistolar com Teófilo Leal como abertura à ficção

Estudos de psicologia e linguística nos mostram que a interação com o Outro é crucial no processo de construção da(s) identidade(s). Sabemos que boa parte do que escrevemos depende das expectativas do outro, isto é, da imagem de nós que queremos transmitir ao leitor. Por mais que na escrita epistolar o Eu tenha grande importância, o Outro é seu polo dialético, atraindo, também, o foco da análise. Sobre esse ponto, Brigitte Diaz (2016, p. 153) afirma que “[a]o lado das análises pragmáticas do fazer epistolar, novamente se dá ao destinatário também o lugar essencial que ele tem na ‘intersubjetividade fiduciária’ existente nas correspondências”. A autora francesa explica que

Do outro a quem ele se dirige, o epistológrafo espera um reconhecimento e uma legitimação de suas escolhas de identidade. A exploração de si que está em jogo na carta não se limita, portanto, como escreve Foucault, ao único “deciframento de si por si”, cujo destinatário seria apenas o espectador acidental – o que é mais ou menos o princípio da autobiografia. A carta é “uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo”. Em outras palavras, não é um simples reflexo de si que se ofereceria para captar o olhar fascinado daquele que se convocou para isso, mas é o processo de escrita pelo qual o sujeito se produz, tomando ciência da presença e do peso de outro na constituição de sua identidade (Diaz, 2016, p. 151)

Portanto, verificamos que a carta vai além do lugar-comum que lhe é atribuído de “espelho da alma” (Seara, 2008), pois o “reflexo” vai tomando forma de “retrato” à medida que percebe a ausência/presença do outro e se configura de acordo com ela. O “diálogo entre ausentes”, outro *topos* epistolar, visto de perto, é um diálogo entre presentes ou entre o Eu e um outro presentificado que lhe constitui.

Ao analisarmos a correspondência de Gonçalves Dias, observamos que o tom utilizado, o estilo de escrita e a extensão das cartas variam bastante quando se comparam os diferentes destinatários, de modo que para cada um deles o autor oferecia um ângulo de sua identidade, ou, dito de outro modo, com cada um dos interlocutores era possível constituir-se de modo mais ou menos íntimo e elaborado. Do conjunto dos correspondentes, destaca-se um caso particular em que essa diferenciação atinge níveis mais profundos: o das cartas endereçadas a Alexandre Teófilo de Carvalho Leal.

Dentre os 44 destinatários identificados nos Anais da Biblioteca Nacional, Teófilo Leal figura em 95 cartas que lhe são explicitamente remetidas, além de dois fragmentos “sem destinatário” com fortes indícios textuais de também terem sido escritos para ele (Dias *in* FBN, 1971, p. 94-95 e 413). Na Correspondência Passiva, por outro lado, consta somente uma carta de Teófilo Leal para Gonçalves Dias (FBN, 1972, p. 14), certamente devido à perda dos originais, possivelmente ocorrida no naufrágio que vitimou o poeta. Dessa forma, podemos inferir que trocaram centenas de missivas, em uma frequência de contato tal que destoa de todos os demais correspondentes.

O período desse contato epistolar inicia-se em 1841 e só termina em 1864, ano do falecimento do poeta. Contudo, o começo da amizade entre Dias e Leal é anterior, pois a necessidade das cartas somente se impõe com a separação física que iria ocorrer. Antônio e Teófilo devem ter se conhecido em 1839, quando o primeiro se encontrava em dificuldades financeiras devido ao início da Balaiada (que afetara a renda da família)<sup>2</sup> e o segundo já morava em Coimbra com outros estudantes<sup>3</sup> que, em dado momento, se unem para ajudar o “esperançoso menino do Maranhão” (Leal, 1874, p. 22), a não ter de desistir dos estudos.

Assim, em maio de 1840, aquele rapaz de quase 17 anos aceita o favor dos colegas, matriculando-se no curso de Direito em outubro, enquanto Teófilo, um ano mais velho, já entrava no terceiro ano do curso de Matemática (FBN, 1942, p. 279 e 281). Há, portanto, um intervalo entre a formação de ambos: Gonçalves Dias torna-se bacharel em 1844, ao passo que Teófilo Leal recebe esse grau em 1842 e “forma-se”<sup>4</sup> em 1843, o que o leva a se mudar para Lisboa e, depois, a retornar ao Brasil antes do amigo mais novo. A primeira carta do espólio data das primeiras férias de Gonçalves Dias (1841) e se intensifica nos anos seguintes, o que indica a distância física entre os amigos. Além disso, a aludida convivência na república de estudantes não perdurou todo o tempo dos estudos, tendo eles se mudado várias vezes – mais um ensejo para a comunicação via carta.

Essa época inicial da correspondência entre os dois amigos foi marcada por grande entusiasmo e produtividade artística. O jovem Antônio tateava ainda na busca pelo seu caminho nas letras, sempre mais atraentes para ele do que o conhecimento jurídico. Chegou mesmo a escrever um romance de três volumes, intitulado *Memórias de Agapito Goiaba* (Dias, 1868), que depois é queimado por conter referências a pessoas conhecidas (Leal *in* Dias, 1868, p. 131).

---

<sup>2</sup> “Por esse tempo, porém, na pátria Caxias longínqua, a politicalha, de mãos dadas com desordeiros, ateou o incêndio da Balaiada. Os ‘bem-te-vis’ ou liberais, servindo-se de dois cangaceiros, Raimundo Gomes e Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio, tentaram derrubar pela força os chefes políticos ‘cabanos’, de situação dominante. [...] Sitiada durante vários meses, [Caxias] foi duas vezes invadida, saqueada, incendiada. [...] D. Adelaide Ramos Gonçalves Dias, como toda a gente de Caxias, sofreu enormes prejuízos com a Balaiada. E, como consequência, o enteado, em lugar de mesada, recebeu ordem de recolher-se a Figueira da Foz, à casa do seu correspondente, até que pudesse embarcar para o Maranhão.” (Pereira, 2016, p. 49-50).

<sup>3</sup> João Duarte Lisboa Serra (que é quem faz o convite), Joaquim Pereira Lapa e José Hermenegildo Xavier de Moraes, situados no Colégio dos Loios, em Coimbra.

<sup>4</sup> Na Universidade de Coimbra havia três graus: o de bacharel no fim do quarto ano, o de bacharel formado no quinto e depois, com a defesa de teses, o de doutor (Leal, 1874, p. 41).

Há relevantes e evidentes diálogos entre os textos das cartas a Teófilo desse período com os trechos salvaguardados do romance (publicados no *Arquivo*, jornal literário de 1846), de que já tratamos em um capítulo do livro “*A ideia com a paixão*”: *Gonçalves Dias pela crítica contemporânea* (Lima in Werkema; Marques, 2023). No âmbito deste artigo, no entanto, optamos por explorar um outro momento de efervescência criativa expressa no diálogo epistolar com Leal: a chegada de Gonçalves Dias ao Rio de Janeiro, no início de sua carreira literária, no processo de publicação dos *Primeiros Cantos* e de estabelecimento na sociedade fluminense.

## 2 O dândi maranhense no Rio de Janeiro

Preliminarmente, faz-se necessário explicar de modo sucinto como o poeta sai de sua terra natal, o Maranhão (para onde voltara após a conclusão do curso em Coimbra) e chega ao Rio de Janeiro. Tendo voltado à casa da madrastra, em Caxias, com planos iniciais de trabalhar como advogado, não se adapta mais ao meio provinciano e à política que permeia as relações da cidade. A convite de Teófilo Leal, passa cinco meses na casa da família, na Rua de Santana, nº 58, em São Luís. É, também, o amigo quem lhe consegue uma passagem de Estado no vapor *Imperador*, junto ao vice-presidente do Maranhão, Ângelo Muniz. Assim, do fim de janeiro à primeira quinzena de junho de 1846, Dias se hospeda no sobrado da família Leal, onde convive com Ana Amélia, prima e cunhada de Teófilo (a esta altura, já casado com Maria Luiza) – a quem, anos mais tarde, pedirá em casamento, obtendo a recusa de D. Lourença Leal (mãe da jovem).

Diante desse contexto, verificamos que o poeta promissor desembarca em 7 de julho de 1846, prestes a completar 23 anos, no Largo do Paço (atual Praça XV de novembro), e logo começa a informar o amigo distante:

Meu bom Teófilo

27 – agosto. [1846]

Tens sentido muitas saudades minhas – também eu, meu Teófilo; – também eu porque os melhores meses que em minha vida tenho passado, foram esses que passei contigo, e quem sabe se eles tornarão a voltar? Porém o passo está dado; fiz como César |·| atravessei o Rubicon e já não posso recuar. Queres saber toda a minha vida – não é assim? Queres ainda de longe continuar a viver comigo; lá vai.

Cheguei como sabes, e não fui morar com o Moraes por boa meia dúzia de razões; – foi a primeira morar ele a 1 légua distante da Cidade – em uma das chácaras do pai; ora como eu tenho de rever provas todos os dias – como tenho de andar todo o dia a *foreter* na Biblioteca, como me será preciso dentro em pouco assistir todas as noites aos ensaios da minha Beatriz – era-me impossível morar com ele. Assim nem lhe falei nisso.

Estou pois num belo Hotel “L’Univers” de M. Moureau, minha patroa, de seus trinta a quarenta anos com presunção de *coquette*, e ainda fresca como um pé de alface colhido há 3 dias, porém há três dias mergulhado n’água. Gasto o menos que posso – pouco mais ou menos como um Lord; não nasci com gênio de mãe de família que reparte com exatidão matemática o pão que há pelos filhos que tem. Gasto como um doido. Deus é Grande e Misericordioso.

Perguntas-me como fui recebido?! – bem; cartas de recomendação não servem se não [sic] de apoquentação; e fazer e receber visitas – nada mais. Ora eu tenho mais que fazer. Como sabes, vim de lá com tenção de imprimir o meu volume de Poesias na Imprensa do Inácio; aqui porém me disseram que talvez eu me fosse criar prevenções contra mim imprimindo a minha primeira obra em uma Imprensa de partido; achei que havia nisto um fundo de razão e desisti do meu propósito. O Serra falou com o Laemmert, e ele prestou-se prontamente – está já no prelo; estamos em página 64 [...]. Dentro destes 2 ou 3 meses lá o terás.

Refundi toda a minha *Beatriz* – dei-lhe um sinal de 5\$ demônios – há de fazer efeito, eu te asseguro. Eu conto com as pateadas. O João Caetano está acabando de construir um Teatro na Corte, e tinha aberto um concurso para quantos dramas originais aparecessem; o escolhido devia ser mandado imprimir por conta dele. Quando [d]este concurso me chegou a notícia, já o prazo se tinha acabado; ainda não sei com que condições o levarei a cena [sic].

A D. Mariquinhas perdeu também comigo, por que os gastos de impressão podem elevar-se a uns 600\$rs. que lhe vinham a pertencer. Veremos se ela é feliz.

Estou estudando matéria para outro Drama; porque como me parece que a minha vida literária será como os dias dos polos – isto é – infinitamente pequena, quero fazê-la no pouco tempo que tenho a mais brilhante possível. Todos os dias desde as 9 da manhã as [sic] 2 da tarde estou encafuado na Biblioteca revolvendo Crônicas velhas das primeiras edições. [...]

(Dias *in* FBN, 1971, p. 47-48)<sup>5</sup>.

Inicialmente, destacamos a afetividade que o autor expressa em relação ao período que passara hospedado na casa de Teófilo em São Luís, o qual caracteriza como “os melhores meses que em minha vida tenho passado”, bem como o caráter “presentificador” do gênero carta perceptível na frase “Queres ainda de longe continuar a viver comigo”. Nas passagens em que justifica o fato de ter preferido um hotel à casa de um amigo, tenta passar a imagem de um artista menos preocupado com pragmatismos do que com sua arte, com os ensaios da peça e com as pesquisas para escrever literatura. Por outro lado, principalmente no último parágrafo citado, mostra-se um artista profissional, repassando a ideia recorrente de que sua vida seria breve e, assim, trabalhando intensamente.

Isso nos leva a refletir sobre o fato de que Teófilo Leal foi não apenas um incentivador moral e intelectual do amigo Gonçalves Dias, mas também seu mecenas. “D. Mariquinhas” era o apelido carinhoso dado por Dias à esposa de Teófilo, Maria Luiza; daí a afirmação de que os 600 réis para a impressão do drama *Beatriz Cenci* lhe pertenciam. Diante disso, Dias sente-se no dever de prestar contas sobre seu ritmo de produção, demonstrando disciplina em suas pesquisas, “revolvendo Crônicas velhas das primeiras edições” no intuito de se constituir em poeta nacional e de escrever romances históricos sobre o Maranhão, como depois o dirá.

Constatamos, então, o conflito entre a vontade de encarnar a personalidade de um romântico impetuoso e os obstáculos práticos que vão surgindo. O texto citado nos indica que havia grande preocupação, por parte do poeta, de custear suas próprias edições – ainda que com empréstimos de Teófilo – e de não se vincular a “uma Imprensa de partido”, motivo pelo qual foi escolhida a editora *Laemmert* em vez da “Imprensa do Inácio”<sup>6</sup>. Essa “dialética da

<sup>5</sup> A ortografia das citações desses *Anais* de 1971 foi atualizada para facilitar a leitura.

<sup>6</sup> “o tal Inácio era, na verdade, Ignácio Pereira da Costa, dono da Tipografia Americana, que editava o jornal *Sentinela da Monarquia* e que, em 1848, se transformaria no *Correio da Tarde*, ambos porta-vozes oficiais do partido conservador. Aconselhado por amigos de que isso poderia ‘criar prevenções’ contra o seu livro de estreia, já que os liberais estavam no poder desde 1844, Gonçalves Dias, com a providencial ajuda do também

ambiguidade”, conforme a chamou o crítico Wilton Marques (2010, p. 35), fazia com que o poeta, assim como a grande maioria dos intelectuais românticos, oscilasse entre a recusa e a aceitação do mecanismo do favor.

Tal conflito acaba por reforçar nossa hipótese da criação literária no âmbito do epistolar, já que, ao relatar suas dificuldades, Gonçalves Dias demonstra a duplicidade do seu discurso: de um lado, construção da *persona* do poeta; de outro, como sobreviver sendo literato na Corte Imperial. Trata-se, com efeito, de uma dialética e não de uma dicotomia, pois em dados momentos da correspondência os dois aspectos se unem, como quando o poeta encarna o herói que supera obstáculos, e em outras passagens se afastam, como nos casos em que Dias opta por omitir dados ao amigo.

Em síntese, no primeiro ano de sua estada no Rio, Gonçalves Dias começa a concretizar seus sonhos de Poeta, que acalentava desde Coimbra e julgava quase irrealizáveis em Caxias, utilizando as cartas a Teófilo não só como registros para o amigo, mas também como um modo de autoafirmação reforçadora do seu projeto literário:

Não quero que digas, que perco facilmente os bons costumes, e que apenas uma vez me acomodei com a tua vontade. Queres diários em vez de cartas, – queres a minha vida com todos os seus acidentes, em vez de quatro frases insípidas, que para estranhos serão boas, mas que para amigos não basta: tens razão; eu mesmo estimo que assim seja. Se algum dia me acontecer perder a memória, poderei afoitamente ir ter contigo, e dizer-te: “Meu amigo, conta-me a minha vida em tal tempo.” Tu sacarás então de um enorme calhamaço e principiarás com ela, levando-a sem lacunas de cabo a rabo.

Continuarei pois com o meu diário; continuarei com ele, até que me grites lá desse recôndito Maranhão: – basta, Jonatas! – Eu ouvirei a tua voz, quebrarei o bico da minha pena epistolar, e de então por diante começarei a ensacar a minha vida.

Mas não julgues que te escrevo sem prazer; talvez me conheças melhor do que eu mesmo. Escrevo – talvez –, porque se queres que te diga a verdade, nunca me assentei defronte da minha consciência para a analisar com toda a pachorra e profundidade de um Romancista. É incontestável que hei de ter defeitos! – mas quais? Eu mesmo não tenho resposta para mim. Creio que os meus defeitos devem ser filhos da índole e não da educação; como os não posso torcer, deixo-me arrastar por eles, que não estou para viver constringido. O que eu sou não o digo; mostro-o imediatamente, e o mostro sem esforço nem arte. É esta a razão por que espero que Deus me conservará os meus amigos até o fim da minha vida (Dias *in* FBN, 1971, p. 56-57).

Essa é a carta mais importante dentre as analisadas neste artigo, pois sintetiza os pontos que aqui queremos demonstrar. Ela compõe um volume de muitas páginas, com várias datas (de 25 de outubro a 4 de novembro de 1846) que foi enviado de uma só vez. Esse conjunto contém trechos de variados estilos, desde o familiar, passando pela escrita de si, pelos versos até os diálogos dramáticos. É notório que Gonçalves Dias não escrevia simples notícias ou fórmulas repetidas, mas antes elaborava uma reunião de criações artísticas e de acontecimentos relevantes para compartilhar com o amigo. Além disso, esmerava-se no estilo, ultrapassando o mero tom fraternal ou coloquial.

---

amigo maranhense João Duarte Lisboa Serra, para quem dedicara em 1841, ainda em Coimbra, um de seus primeiros poemas, acertou a publicação dos *Primeiros Cantos* com a editora Laemmert.” (Marques, 2010, p. 36).



O autor confirma essa ideia no trecho: “Queres diários em vez de cartas, – queres a minha vida com todos os seus acidentes, em vez de quatro frases insípidas, que para estranhos serão boas, mas que para amigos não basta: tens razão; eu mesmo estimo que assim seja.” e ainda aproxima sua escrita epistolar da autobiografia. No mesmo parágrafo, inventa uma cena na qual Teófilo aparece com todas as cartas enviadas e pode contar qualquer período da vida do amigo, caso este viesse a perder a memória. O emprego do advérbio “afoitamente” e da fala entre aspas, bem como do sintagma “enorme calhamaço” dão uma dinâmica narrativa ao trecho, enriquecida com a alusão ao personagem bíblico Jônatas (conhecido pela amizade com Davi) e a imagem de Teófilo gritando do Maranhão e Gonçalves Dias ouvindo do Rio, quebrando sua pena como gesto simbólico do abandono da escrita.

No terceiro parágrafo, Dias transita para a escrita de si por meio da conjunção adversativa “mas” e da afirmação: “talvez me conheças melhor do que eu mesmo”. Daí em diante, escreve em tom de exame de consciência, analisando-se com a profundidade da prosa de um romance. Como bem descreve Brigitte Diaz, tal atitude consiste em “(...) fazer de sua correspondência um tipo de diário a quatro mãos, dedicado não somente ao prazer da conversação livre, mas também a uma vontade partilhada de perfectibilidade de si.” (Diaz, 2016, p. 79). Em seguida, reafirma sua espontaneidade, alinhando-se ao ideal romântico que jamais deixa esvanecer: “O que eu sou não o digo: mostro-o imediatamente, e o mostro sem esforço nem arte”. Nisso, o autor felizmente se contradiz, pois sua escrita é bastante artística, como podemos notar no parágrafo seguinte:

Como eu ia dizendo, creio que me conheces melhor do que eu mesmo. Saberás pois que eu preciso de contar a minha vida; preciso-o, e tanto que me está parecendo que, se eu não tivesse amigos, seria nisto imprudente como em muitas outras coisas. – Escrever-te um diário, meu Teófilo, é ainda viver contigo, e viver contigo é um prazer – mais do que isso – é felicidade bem alta, que eu não mereci a Deus desfrutar. Escrever-te a minha vida, é também uma necessidade para mim. Neste mar da vida, em que vou boiando às tontas, e tão fora do rumo ordinário que outros seguem, quem me sustenta – bem o sabes, é apenas a minha vontade. Eu disse: quero; e tenho querido sempre apesar de ninharias, vexaçãozinhas [sic] e mesquinhezas, que há muito teriam subjugado a mais altos do que eu. Para se ter uma vontade destas, é preciso um pouco de orgulho. Careço do orgulho para entrar no círculo em que eu disse que havia de viver e para vencer dificuldades; careço da vontade para não desanimar. Isto que me pode salvar, pode também perder-me bem o sei; então chamar-se-á a minha vontade obstinação, e ao meu orgulho – presunção e soberba. Seja como for, em quanto [sic] eu me confessar aos meus amigos poderão eles repreender em mim muitos erros e muitos defeitos; – crime ou vícios – creio que não. Concluirás pois que as minhas cartas são para mim – um prazer – uma necessidade – e uma fonte de aperfeiçoamento! (Dias *in* FBN, 1971, p. 57)

Verificamos, pois, que Gonçalves Dias situa a escrita como exercício pessoal e como discurso dos ausentes, conforme comenta Foucault: “A carta torna o escritor ‘presente’ para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, [...] suas venturas e desventuras; presente como uma espécie de presença imediata e quase física.” (Foucault, 2006, p. 156). Ao afirmar “Escrever-te a minha vida, é também uma necessidade para mim.” e, depois, chegar à conclusão de que as suas cartas são “um prazer – uma necessidade – e uma fonte de aperfeiçoamento”, Dias sintetiza o complexo processo de gênese compartilhada de si que realiza por meio da escrita epistolar.

Ele prossegue no autorretrato com o uso da metáfora do “mar da vida” onde vai “boiando às tontas”, retratando-se como errante. Logo após, segue no exame de consciência escrito, buscando identificar os limites entre vícios e virtudes sob o olhar do(s) amigo(s): “Isto que me pode salvar, pode também perder-me bem o sei; então chamar-se-á a minha vontade obstinação, e ao meu orgulho – presunção e soberba. Seja como for, em quanto [sic] eu me confessar aos meus amigos poderão eles repreender em mim muitos erros e muitos defeitos [...]”. Tal atitude é abordada por Michel Foucault ao dizer que “[...] o constrangimento que a presença de outro exerce na ordem da conduta, a escrita o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma; nesse sentido, ela tem um papel muito próximo da confissão ao diretor espiritual” (Foucault, 2006, p. 145).

Após algumas informações mais práticas, dentre as quais Gonçalves Dias afirma passar “as manhãs na Biblioteca – as noites em casa com o alemão; de dia faço ou recebo algumas visitas de cerimônia”, o autor passa a dar mais ênfase aos divertimentos: “e quando estou aborrecido – vou passar o *soirée* [sic] com alguma família ou ao Teatro”. Elenca as companhias de teatro e os bailes particulares que frequenta. Em 27 de outubro, narra uma saída noturna na qual assiste a um espetáculo teatral e bebe com amigos, finalizando o texto com uma escrita bem-humorada, misturando francês, inglês e italiano, bem como outras imagens literárias (Dias *in* FBN, 1971, p. 59-60). Parece-nos digna de nota a necessidade que tem o autor de descrever o seu cotidiano como estimulante.

No dia seguinte, estranhamente afirma que lhe faltam novidades e passa a contar um caso antigo, que toma várias páginas da carta e assume progressivamente a forma de um diálogo teatral:

Nada há de novo; vamos pois ao velho. O passado é uma mina inesgotável, — não há aí mineiro capaz de acabar com ela.

Estive o sábado em um baile mascarado no Tivoli, — fui verdadeiramente estudante, fiz o diabo. A rapaziada minha conhecida deu-me (nemine discrepante<sup>7</sup>) fora de jeune-homme au bon ton, e patente de gracioso perfeito. São os meus triunfos. Creio que também vão fazendo de mim — Poeta = de lá vai mote = Uma moçoila que eu não conheço, mas que dizem-me que não é má, quis roer-me a esquineta e namorar a minha custa. Sáfatos!

Uma noite (aqui há tempos), estando eu em um *soirée* [sic] uma outra esperta como um diabo, e endiabrada, se as há, veio ter comigo — sorrindo-se requebrando-se e seduzindo-me com palavras, com os gestos com os olhos, e com os modos. Senti o fluido elétrico decorrer-me pela medula da coluna vertebral (que entre parêntesis não sei se tem medula; mas como é osso há de ter gordura).

— Senhor Dias (disse-me ela) estou muito de mal com o Sr.!

— Santo Breve da marca! (lhe tornei eu). E por que estupenda infelicidade incorri eu no desagrado de S. Ex<sup>a</sup>?

— Pois o Sr. faz verso, e... e... e... nem dizia nada!

[...]

E largou no chão um papel — papelinho — ou papelucho e foi-se: dizia o papel.

Não posso dizer que sim,

Não posso dizer que não.

---

<sup>7</sup> Classificação qualitativa dos exames da Universidade de Coimbra que quer dizer “sem ninguém discordar”, “aprovado por unanimidade”.

Eu podia fazer uma glosa ou volta, ou o que me parecesse; preferi a volta para que o tal diabrete incógnito — farfadete — lutin — ou sílfide — não andasse namorando a minha custa. Foi esta.

Senhora, pois que podeis  
Dizer que não ou que sim,  
A ambos não magoeis:  
Dizei: sim; mas não a ele,  
Dizei: não; mas não a mim!

O *Mediador plástico* visível — recebeu o papelinho e tornou com a resposta.  
— Está boa; mas não serve.  
Vá outra, disse eu:  
Senhora, que amor é esse,  
Ou que nova sem razão,  
Que se eu vos pergunto: sim?  
Respondeis-me sempre: não.

E acabava assim:  
Já não sei que bem vos queira  
Nem que mais querer-vos possa;  
Sede antes vossa que dele,  
Sede antes minha que vossa.

O *Mediador plástico* feminino foi e veio:  
— Está melhor, mas ainda não serve!  
Bref! — fiz duas décimas! as primeiras!  
Que a tudo tu, ó puro amor, obrigas.<sup>8</sup>  
Não vão as décimas que era estopada. Tenho pois um começo de *bonne fortune*. Não te admires: as minhas *bonnes fortunes* não passam do começo.  
Santo Deus! Que mina tão abundante fui eu escavar? Seis folhas de papel é o dobro das cartas que nos escrevemos! Terás tu coragem para ires adiante? Terás!... [...]”  
(Dias in FBN, 1971, p. 60-63, grifos do autor)

Notemos, inicialmente, que os versos mencionados nessa carta se encontram completos e organizados na seção “Lira Vária” da reunião de sua *Poesia e prosa completas* (Dias, 1998, p. 655-659), sob o título de “Voltas e motes glosados” (retirados do v. 1 das *Obras Posthumas* – Dias, 1868, p. 167-180). Assim, constatamos que a carta serviu de suporte para a criação literária, ainda que seja considerada menor pelo autor, que não a incluiu nos seus *Cantos*. Há ainda a possibilidade de essa criação ter ocorrido no momento da escrita da carta.

Além disso, vemos que o encontro que ensejou a volta é narrado de forma a passar a imagem de Gonçalves Dias como um verdadeiro dândi (“*jeune-homme au bon-ton*”, “gracioso perfeito”) e, na esteira do byronismo, liga-se essa característica à do “Poeta” boêmio, que frequenta bailes mascarados. Os diálogos reforçam essa imagem, sendo que o mero fato de haver diálogos em uma carta, marcados por travessões em uma longa sequência, já revela quão próximo da escrita literária o autor se sentia ao redigi-la. Nesse mesmo correio, em 4 de novembro, Dias escreve, em tom prazenteiro, confirmando esse conceito de si:

---

<sup>8</sup> Diálogo com os versos camonianos “Tu só, tu, puro amor, com força crua, /Que os corações humanos tanto obriga...” no canto III de *Os Lusíadas*, CXIX.

Nada tem ocorrido de novo a não ser que ontem passei a noite com a Casta Diva<sup>9</sup> que me pediu por segunda via a glosa ao mote que aqui vai nesta carta. Este *passei a noite* supra é um pouco equívoco; saberás porém que eu estou homem sério, aqui há coisa de 3 dias — e que abomino os equívocos como que dão lugar a perigosas ilações. As *voltas* produziram efeito, se assim for, será bem de pasmar, que os piores versos que até hoje tenho feito, sejam os que primeiro me rendam alguma coisa (Dias *in* FBN, 1971, p. 65).

Em passagem posterior da mesma carta, reafirma sua identidade de poeta, conectando-se, porém, ao aspecto do sofrimento, por meio da citação do romântico francês Alfred de Vigny (1797-1863):

Os Poetas, diz o De Vigny, são todos uns egoístas, são por certo: — egoístas nas suas dores, ou orgulhosos, que pensam que todos que têm uma alma boa e compassiva se interessam por eles, e que têm a inocência ou fatuidade de se imporem sacrifícios ignorados, que ninguém lhes levará em conta. Paciência! — com tudo é sempre certo (ao menos para mim) que se eu soubesse que uma mulher se interessaria por mim a ponto de se esquecer de si, seria todo o meu trabalho convencê-la do axioma ou paradoxo (como quiserem) do De Vigny. [...] Não cesse o teu cantar, ó triste Bardo! Assim é: a poesia não é a tradução da linguagem dos astros na placidez da noite — nem do vento gemendo nos leques da palmeira — nem da fonte sussurrando na solidão das matas: a Poesia é a dor, é sofrimento, é o espinho da vida a entranhar-se pelo coração que nos arranca um grito — a que se chama — Ode ou Poema. Quem sofre pode não ser poeta; mas o poeta duvido que não sofra (Dias *in* FBN, 1971, p. 65).

Dessa forma, Gonçalves Dias mescla a reflexão sobre a sua identidade de poeta à sua narrativa, alinhando-se ao pensamento do mestre francês e utilizando as metáforas da natureza, usuais em sua própria lírica, para enfatizar o lado doloroso de sua atividade/modo de ser. A despeito das diversões e aventuras que havia narrado, ele se posiciona como sofredor, de modo a manifestar o dualismo que também faz parte do *ethos* romântico. A carta funciona como meio propício para que o Poeta Romântico emergja, tanto das características elencadas, quanto da narrativa, dos versos e da reflexão “teórica” ou filosófica ali inseridos, pois nela há liberdade o suficiente para todos esses elementos. Como bem descreve a pesquisadora Brigitte Diaz,

A gênese do *eu* que se opera na carta é gênese de um *eu* escrevendo: a escrita é ao mesmo tempo seu meio de expansão e seu horizonte. Laboratório textual, a correspondência engendra, funde novamente e transforma escritos migrantes destinados a outras páginas e outros públicos. Nessa gênese epistolar, poder-se-ia, em primeiro lugar, identificar uma embreagem interna — é o mais frequente — que assegura o trânsito em um mesmo autor, ou um mesmo assinante, entre a carta e outras produções textuais (Diaz, 2016, p. 99, grifos da autora).

Alguns dias mais tarde, já em outro correio, Gonçalves Dias reitera a sua imagem de dândi, utilizando precisamente esse termo (como se significasse algo mais intenso que “poeta”), citando autores românticos e dando continuidade à narrativa dos seus amores:

---

<sup>9</sup> Alusão à ária homônima de Bellini, na ópera *Norma*, “carro-chefe da temporada” (Diego, 2018, p. 5)

Saberás meu bom Teófilo, que no dia da chegada do Vapor, e apenas recebi a tua carta, principiei com um jornal para to mandar. Eu estava nesse dia diabolicamente exaltado; tinha muito de Rousseau, muito de Byron, e muitíssimo do choramingas Jeremias. Era a extensa e maravilhosa narração de uns amores, que agora trago entre mãos, ou por outra, que me trazem debaixo dos pés: amores de Dândi que já não de Poeta. [...] Entende-me, como puderes, cartas são cartas, e podem facilmente extraviar-se aqui ou lá. Quando nos virmos pois (E espero que nem eu serei calvo, nem tu terás cabelos brancos) pergunta-me notícias de uma célebre *Volta*, com cuja história já de uma vez te massei mais que muito. Por esta história de *volta*, já ficas sabendo que não trato da Judia: quanto a ela estou agora muito bom cristão. Rasguei pois toda aquela papelada, e em vez dela, mando-te esses versinhos, compostos hoje mesmo, e compostos *ad rem*. Talvez que eles te possam dar alguma ideia a respeito destes amores, que *nem a ti* me atrevo a escrever. [...] Deixa-me pois transcrever-te um período da carta que eu principiei a escrever-te no dia 27 — diz assim:

“Ela é imprudente, como não fazes ideia, imprudente a ponto de fazer loucuras onde quer que estivermos juntos. Bailes, teatros, reuniões — em casa dela ou fora, é sempre a mesma mulher — mulher de vir sentar-se junto comigo e contra mim vinte vezes em uma noite, se eu mudar de vinte vezes de lugar; se está com alguém, dá-lhe as costas, e estende-me a mão o mais destramente possível e se eu lha não apertar, ela é bem capaz de ficar em pé toda a noite, diante de todos, e com a mão estendida, como uma estátua: tudo isto já me aconteceu. É nova, bela, espirituosa, doida — como eu, imprudente como ninguém, romântica exagerada, corajosa, que passa a temeridade, amorosa que passa a frenesi: iremos, longe, se algum anjo se não vem meter entre nós.” Isto foi no dia 27 — depois disso já nos vimos em um baile (vemo-nos quase todos os dias). Como eu recusasse dançar com ela duas contradanças seguidas, porque, lhe dizia eu, parecia mal, sabes o que ela disse? — Tens medo de um tiro ou de uma punhalada? — Põem-no em prova, lhe respondi, e dei-lhe o braço. — Então não tenho razão, meu Teófilo, para te dizer que iremos longe? Segredo! O Albino, que provavelmente será o portador desta, sabe de algumas circunstâncias, que lhe não pude ocultar. E ainda... (Aqui fiquei ontem e já não sei o que era este = ainda!) (Dias, 1971, p. 68-69, itálicos do autor)

Nessa carta, Gonçalves Dias faz diversas confusões de datas, como “31 - novembro” e “2 - novembro” (onde seria dezembro), além de se contradizer quando, logo após ter dito que havia rasgado o “jornal” com a “história da Volta”, transcreve o que diz ser um trecho da carta que começara a redigir, mas que mais parece um trecho de romance. Sua narrativa contém diversos elementos dos romances românticos, como a caracterização da moça – chamada de “romântica exagerada” –, o seu comportamento “leviano”, a ambientação do baile, e a menção ao tiro ou à punhalada. Dias parece estar sempre determinado a se mostrar ao amigo como alguém envolvido constantemente em diversas paixões em estreita relação com a criação lírica, como escreverá em outra carta: “Sem exageração — estou agora com três belíssimos começos de namoro — são largas histórias — fica para outra vez — um deles já me rendeu talvez a mais delicada das minhas poesias líricas, tem por título *Os Suspiros*<sup>10</sup> — tu a verás.” (Dias *in* FBN, 1971, p. 103).

## Conclusão

Diante do exposto, notamos como Dias utilizava a correspondência com Teófilo como ambiente livre para a experimentação artística, ainda que criasse sobre possível substrato autobiográfico, e assim delineava a personagem do Poeta Romântico que gostaria de transmitir ao amigo e aos possíveis leitores no futuro. Observamos, portanto, no exame das cartas de

---

<sup>10</sup> Incluída nos *Segundos Cantos* (DIAS, 1998, p. 243).

juventude de Gonçalves Dias, precisamente o que Brigitte Diaz descreve: “[a] correspondência faz parte da aprendizagem do ofício, no sentido amplo da palavra; é um formidável terreno de experimento onde se podem testar, como em muitos protótipos, posturas e ideais efêmeros.” (Diaz, 2016, p. 104).

Na fortuna crítica do poeta, bem como no senso-comum a seu respeito, é frequente a sua associação a um “perfeito romântico”, isto é, a alguém que encarnava as características usualmente atribuídas ao comportamento inspirado pelo Romantismo artístico-cultural. Suas cartas costumam ser tomadas como confissões literais a fim de reforçar esse perfil, atribuído à sua psicologia/personalidade, ao passo que nós o compreendemos como uma complexa construção de si por meio da escrita, perpassando elementos da sua biografia, mas também incluindo o “espaço literário” – no sentido de mundo inaugurado pela linguagem literária, pela abertura à imaginação artística.

Conforme tentamos demonstrar ao longo deste artigo, consideramos, à luz dos teóricos com os quais dialogamos, que havia mais componentes na epistolografia de Dias do que o meramente biográfico. É hoje reconhecida a dificuldade de distinguir ficção de não ficção, especialmente quando se trata de memória e/ou de gêneros da escrita de si. Sendo a facticidade ou a sinceridade dos relatos epistolares um objeto impossível de se alcançar, analisamos o modo como o poeta se ficcionaliza em diversos momentos e os pontos de contato entre essa ficção de si e as outras ficções (poesia, romance). Constatamos que, mesmo quando afirma ser espontâneo, Dias escreve com alta elaboração artística e seleção prévia dos fatos a serem narrados ao melhor amigo, incluindo na narração recursos que a tornem agradável à leitura e que transmitam uma imagem de sua vida como a de um artista aventureiro e sonhador, que sofre e vence por seus próprios meios – uma espécie de herói romântico. O espaço da carta funciona, pois, como meio propício para que o Poeta Romântico, como lhe chamamos, surja tanto das características elencadas, quanto da narrativa, dos versos e da reflexão teórica ou filosófica ali inseridos, pois nela há liberdade o suficiente para todos esses elementos.

## Referências

ANGELIDES, Sophia. *Sobre a poética de Tchekhov através de suas cartas*. 1987. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987. Acesso em: 20 dez. 2024.

BANDEIRA, Manuel. *Gonçalves Dias: esboço biográfico*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.

DIAS, Gonçalves. In: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Anais da Biblioteca Nacional. Correspondência Ativa de Gonçalves Dias*. V. 84. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, 1971[1964]. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/pdf/402630/per402630\\_1964\\_00084.pdf](https://memoria.bn.gov.br/pdf/402630/per402630_1964_00084.pdf). Acesso em: 29 maio 2024.

DIAS, Gonçalves. In: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Anais da Biblioteca Nacional. Correspondência Passiva de Gonçalves Dias*. V. 91. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, 1972[1971]. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/pdf/402630/per402630\\_1971\\_00091.pdf](https://memoria.bn.gov.br/pdf/402630/per402630_1971_00091.pdf). Acesso em: 29 maio 2024.

## LINHA D'ÁGUA

DIAS, Gonçalves. *Obras posthumas de A. Gonçalves Dias*: precedidas de uma notícia da sua vida e obras pelo dr. Antonio Henriques Leal. São Luís: Bellarmino de Mattos, 1868, v. 1. Disponível em: [https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4112/1/006470-1\\_COMPLETO.pdf](https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4112/1/006470-1_COMPLETO.pdf). Acesso em: 29 maio 2024.

DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Org.: Alexei Bueno; textos críticos: Manuel Brandeira. 1. ed., Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

FERNANDES, Andréa Camila de Faria. *De esperançoso menino do Maranhão a poeta nacional: a consagração da memória de Gonçalves Dias*. 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UERJ, 2021.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *Ética, Sexualidade, Política*. Coleção Ditos e Escritos, v. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006[1983].

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Anais da Biblioteca Nacional*. V. LXII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942[1940].

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas Epistolares*. Tradução: Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LEAL, Antônio Henriques. In: DIAS, Gonçalves. *Obras posthumas*. V. III. São Luís: Bellarmino de Mattos, 1868.

LEAL, Antônio Henriques. *Pantheon Maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já fallecidos*. Tomo III. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518661>. Acesso em: 29 maio 2022.

LIMA, Renata Ribeiro. *A ficção epistolar de Gonçalves Dias: identidades na cena da escrita*. Orientadora: Ida Maria Santos Ferreira Alves. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) - Universidade Federal Fluminense, 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14092>. Acesso em: 29 maio 2024.

LIMA, Renata Ribeiro. O “inventar-se por cartas” do poeta exilado. In: WERKEMA, Andréa Sirihal; MARQUES, Wilton José (Orgs.). *“A ideia com a paixão”*: Gonçalves Dias pela crítica contemporânea. São Paulo: Alameda, 2023, p. 323-345.

LOUSADA, Wilson. Nota Preliminar. In: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Anais da Biblioteca Nacional*. Correspondência Passiva de Gonçalves Dias. V. 91. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, 1972. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/pdf/402630/per402630\\_1971\\_00091.pdf](https://memoria.bn.gov.br/pdf/402630/per402630_1971_00091.pdf). Acesso em: 29 maio 2024, p. 7-8.

MARQUES, Wilton José. *Gonçalves Dias: o poeta na contramão (literatura e escravidão no romantismo brasileiro)*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MONTELLO, Josué. *Gonçalves Dias: ensaio biobibliográfico*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1942.

MORAES, Marcos Antonio de. *“Orgulho de jamais aconselhar”*: a epistolografia de Mário de Andrade e seu projeto pedagógico. 2002. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. DOI: <http://doi.org/10.11606/T.8.2002.tde-15062023-111304>.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias – contendo o Diário Inédito da viagem de Gonçalves Dias ao Rio Negro, com 11 ilustrações fora do texto*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2016[1943].

ROCHA, Vanessa Massoni da. *Por um protocolo de leitura do epistolar*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/9788>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ROCHA, Vanessa Massoni da. *Por um protocolo de leitura do epistolar*. Niterói: Eduff, 2016.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.

SEARA, Isabel Roboredo. A palavra nómada. Contributos para o estudo do gênero epistolar. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, p. 121-144, 2008. Disponível em: <https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/isabel-seara.pdf>. Acesso em: 29 maio 2024.

SILVA, Telma Maciel da. *Posta-restante: um estudo sobre a correspondência do escritor João Antônio*. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/7ce6636b-df75-4319-9854-88e81ab2f23a>. Acesso em: 20 dez. 2024.